



A notícia como espetáculo: Estudo de caso da morte de Isabela Nardoni¹

Natália Berbert Pitanga FRANCO²

Bruno de Azevedo Santana GUIMARÃES³

Julianna Nascimento TOREZANI⁴

União Metropolitana de Educação e Cultura – UNIME Itabuna

RESUMO

Aborda analisar a morte de Isabela Nardoni através de notícias nos seguintes telejornais: *Jornal Nacional* e *Jornal da Record*, além da revista eletrônica *Fantástico*. A análise é feita com base nas reportagens. A construção dos textos e das imagens e, também, a criação de “personagens” impostas pela mídia nesta notícia foi analisada através do Estudo de Caso. O resultado da análise consiste na apresentação da notícia como forma de mercadoria, consolo e divertimento para o espectador que vive em constante busca do *voyerismo* e que, conseqüentemente, está inserido na sociedade do espetáculo em busca de um mercado de produtos audiovisuais que caracterizam a indústria do entretenimento.

PALAVRAS-CHAVE: Isabela Nardoni; Notícia; Sensacionalismo; Sociedade do espetáculo; Telejornalismo.

Introdução

As notícias que causem entretenimento estão tomando conta dos telejornais brasileiros, possivelmente tornando-se um novo estilo de telejornalismo, o sensacionalista. Neste trabalho será feito um estudo dos telejornais brasileiros em notícias como no caso Isabela Nardoni, assim como avaliar a dramatização da notícia e a estética utilizada como recursos de espetacularização, que é levada a uma indústria do entretenimento que envolve o público como sujeito do processo.

Desta forma, resolveu-se investigar esse tema para analisar as reportagens, que dramatizam as notícias a fim de envolver o público. O veículo escolhido foi a mídia televisiva, pois as matérias relacionadas ao caso a ser analisado foram bastante exploradas por esse veículo a ponto de chamar a atenção de toda a sociedade.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel do Curso de Jornalismo da UNIME-BA, email: nataliaberbert@hotmail.com

³ Bacharel do Curso de Jornalismo da UNIME-BA, e-mail: bruno.azevedo@yahoo.com.br

⁴ Orientadora do trabalho. Mestre em Cultura e Turismo. Graduada em Comunicação Social – Rádio e TV. Professora de Fotografia e Vídeo. Coordenadora do Curso de Jornalismo da UNIME-BA. E-mail: juliannatorezani@yahoo.com.br



Abordam-se como problema desta pesquisa os seguintes questionamentos: Será que há uma tendência em explorar fatos criminais de forma espetacularosa nos telejornais brasileiros? Estes telejornais realmente se importam com a dor das famílias ou as utiliza para explorar o fato ainda mais? Será que a espetacularização da notícia corrobora com a sociedade numa versão “verdadeira da notícia”?

Então, a partir destas perguntas, admite-se hipoteticamente que os telejornais utilizam a notícia como espetáculo para atrair o público de forma dramática, prendendo sua atenção como uma novela ou teatro, com começo meio e fim e possivelmente fazendo com que o espectador tome esta notícia como sua verdade.

O objetivo deste estudo é investigar a notícia da morte de Isabela Nardoni na mídia televisiva, especialmente a forma de como assuntos desse gênero são tratados por este veículo, a comoção do público e como este tipo de reportagens envolve o receptor. Para isso será necessário caracterizar a notícia “espetacularosa”, apontando os procedimentos adequados que os telejornais brasileiros utilizam para atingir o seu alvo e comparar o caso Isabela Nardoni nos telejornais brasileiros (*Jornal Nacional, Fantástico, Jornal da Record*), assim como comparar com as outras notícias relacionadas ao mesmo segmento.

A metodologia consiste no estudo de caso da morte de Isabela Nardoni, desenvolvendo teorias a respeito do fenômeno observado. Além disso, explorar, descrever ou explicar o objeto de estudo relatando como os fatos sucederam, descrevendo situações e proporcionando o conhecimento do fenômeno estudado e comprovando assim as causas e efeitos deste estudo.

O estudo de caso tem por objetivo descrever, analisar, explicar e, por fim, avaliar os fatos expostos. As características do estudo de caso desta análise estão na observação do ambiente natural, assim como o recolhimento de dados consistentes, afim de, posteriormente, serem analisados e concluídos com efeitos semelhantes ou contrários aos objetivos propostos no início da análise.

Este estudo está dividido em três partes. A primeira intitula-se *Comunicação: a vida pelo vídeo* que relata a história da comunicação, seus aspectos históricos e sociais. A segunda é chamada de *Quando o cotidiano vira espetáculo* que relata a forma de como o entretenimento aparece na mídia. A análise dos dados encontra-se na terceira parte com o título *Telejornalismo: informação ou infoentretenimento? Um estudo do*



caso Isabela Nardoni, que abordou os estilos telejornalísticos dos jornais analisados, como uma notícia vira espetáculo e a análise de reportagens do *Jornal Nacional*, *Jornal da Record* e da revista eletrônica *Fantástico*.

1. Comunicação: a vida pelo vídeo

1.1 Era da comunicação: dados históricos e aspectos sociais

Em 1450, surgiu a prensa gráfica por Johann Gutenberg, que usava tipos móveis de metal. Com a chegada desta tecnologia, fato que revolucionou a comunicação, começaram as impressões dos folhetins religiosos, trazendo notícias da Igreja Católica. Os turcos pensavam ser pecado imprimir livros religiosos e os escribas, ameaçados pela impressão gráfica, deploravam a nova tecnologia. Porém, para a Igreja, os impressos permitiam a leitura das classes inferiores dos textos religiosos por conta própria.

Para Bordenave (2002), a função da comunicação está em formar a personalidade de cada ser humano. A troca de mensagens é um processo de percepção, decodificação e interpretação.

A comunicação não é um ato isolado, ou uma série de atos individuais desconexos, mas um fluxo contínuo, de muitas origens e direções, com conteúdos e formas em constante mutação. A comunicação, sendo um processo, é um movimento, um curso contínuo (BORDENAVE, 2002, 67).

A comunicação não existe sem a ajuda da sociedade, do meio em que se vive e dos elementos midiáticos. É a partir destes três elementos que se pode estabelecer uma forma de interação. Primeiro os impressos, em seguida o rádio, a televisão e, por fim, a Internet. Com o advento da Internet pôde-se estabelecer uma comunicação além das fronteiras. Hoje, a sociedade pode interagir em rede, proporcionando conversas com pessoas de diversas culturas e países, conhecendo novos mundos e, até mesmo, obtendo informação ilimitada.

Uma vez privatizada, a Internet não contava com nenhuma autoridade supervisora. Diversas instituições e mecanismos improvisados, criados durante todo o desenvolvimento da Internet, assumiram alguma responsabilidade informal pela coordenação das configurações técnicas e pela corretagem de contratos de atribuição de endereços da Internet (CASTELLS, 2005, 83).

A Internet tornou-se um elemento midiático livre, sem censuras e fronteiras. Esta não dispõe de autoridades ou seleção de notícias como acontece com os demais meios,



uma vez que, na Internet, os fatos estão dispostos de maneira liberal e podendo também contar com a ajuda de diversas ferramentas, como gráficos, sons, imagens e animações.

Em 1950, surgiu o primeiro telejornal brasileiro, o *Imagens do Dia do Jornal PRF3-TV*. Ainda defasado e com recursos precários, continha acontecimentos locais. Logo depois, diversos telejornais foram criados, porém, o que teve maior destaque foi o *Repórter Esso da TV Tupi*, que tinha um formato inovador, cativando o público, ficando por onze anos no ar.

Dez anos depois, foi a vez da grande estrela do telejornalismo, o *Jornal de Vanguarda da TV Excelsior*, posteriormente passando pelas emissoras *Globo, Continental, Rio e Tupi*. Assim, ainda na busca pelo novo, o telejornalismo brasileiro foi se atualizando e os jornais já dispunham de uma linguagem mais informal, com recursos visuais modernos, assim como uma equipe maior, com mais repórteres específicos para cada tipo de editoria. Outro fato interessante criado pelo *Jornal de Vanguarda* foi a introdução de comentários jornalísticos com Villas Boas Corrêia, Ibrahim Sued e Stanislaw Ponte Preta com comentários humorísticos, nascendo a figura do “âncora”.

1.2 Notícia: um produto à venda?

A notícia define-se como um desencadeamento de fatos, começando pelo mais interessantes ou importantes. Para Nilson Lage (2000, 22-23), “por detrás das notícias corre uma trama infinita de relações dialéticas e percursos subjetivos que elas, por definição, não abarcam.”

Com a notícia, pode se ver, perceber e aceitar a realidade. Porém, essa aceitação nem sempre ocorre, pois esta irá depender da “bagagem” cultural do público. Então, as notícias são interpretadas, cabendo ao espectador aceitá-la ou não. A informação ganha cada vez mais importância na contemporaneidade.

Notícia é a informação transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isso a informação sobre um tratamento que a adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo (MARCONDES FILHO, 1986,13).

A notícia pode ter imparcialidade, sensacionalismo e pode ser também dramática, porém, não deixando de seguir os fatos na ordem da pirâmide invertida, onde os relatos são contados a partir dos pontos mais importantes e impactantes. O *lead* define-se por ser a primeira parte dada em uma notícia, destacando sempre as partes



mais importantes da notícia, fazendo com que o espectador fique “preso” ao tema. O termo inglês significa “guia”.

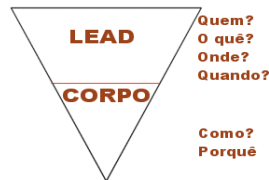


Figura 1 - Esquema da Pirâmide Invertida. Disponível em:
<http://images.google.com.br/http://www.malhatlantica.pt/>

A figura acima representa o modelo da pirâmide invertida usada para escrever as notícias, obedecendo às regras do *Lead*. A manipulação da notícia tende a mostrar uma maior preocupação moral/psicológica da imparcialidade da cobertura noticiosa – na medida em que a atribui a uma intenção manipuladora - dificulta a compressão como um processo histórico e cultural.

Poder-se-ia dizer que o jornalismo é um conjunto de ‘estórias’, ‘estórias’ de vida, ‘estórias’ das estrelas, ‘estórias’ de triunfo e tragédia. Será apenas coincidência que os membros da comunidade jornalística se refiram às notícias, a sua principal preocupação como ‘estórias’? Os jornalistas vêem os acontecimentos como ‘estórias’ e as notícias são construídas como ‘estórias’, como narrativas, que não estão isoladas de ‘estórias’ e narrativas passadas (TRAQUINA, 2005, 21).

A notícia é construída como um conjunto de estórias, com enredo, personagens e desfecho. Essas notícias podem ser de advindas de qualquer sociedade ou classe social e, além disso, de diversos estilos. Para Traquina (2005) as notícias são sempre de cunho sensacionalista, com a intenção de chamar a atenção do público receptor.

1.3 A indústria do entretenimento no mundo da sociedade do espetáculo

A preferência dos meios de comunicação por alguns crimes tem relação direta com o mundo real e o virtual das imagens. Para outros, o fator decisivo é a fama que a vítima ou os autores do crime desfrutam no momento em que ocorre a tragédia. Segundo Guy Debord (2003), precursor da análise crítica de toda a sociedade do consumo atual, a busca pela dominação da sociedade por assuntos que choquem o público se realiza no espetáculo, onde o mundo real se converte em um mundo virtual de imagens.

O espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social. Não apenas a relação com a mercadoria é visível, mas não se consegue



ver nada além dela: o mundo que se vê é o seu mundo. A produção econômica moderna espalha, extensa e intensivamente, sua ditadura (DEBORD, 1995, 35).

Sabe-se que os telejornais sempre utilizaram o sensacionalismo como uma armadilha para atrair audiência, então situações são transformadas em escândalos numa dimensão desproporcional em relação a outros acontecimentos e fatos de maior relevância para a sociedade.

O jornalismo passa a acontecer como entretenimento, o jornalismo passa a seduzir como um programa que diverte. Os meios de comunicação de massa eliminam a distância entre a função de informar e a função de entreter. O jornalismo procura, quando fala, quando emite seu discurso, quando trabalha seus conteúdos, ser antes sedutor e só depois informativo. Essa é uma característica do nosso tempo (BUCCI, 2009).⁵

A partir desses elementos explicados anteriormente, que vêm sendo inseridos nas notícias, que o jornalismo transformou-se em uma nova forma de entretenimento para a sociedade, mesmo que esta forma seja negativista, diminuindo cada vez mais a distância entre a informação e o divertimento.

Partindo dessa premissa, os relacionamentos entre as pessoas transformam-se em imagens e espetáculos. “O espetáculo é uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” afirma Debord (1995, 48). O consumo e a imagem tomam conta do ser humano, tirando de cena o diálogo pessoal, através da televisão e os outras mídias de massa.

Para o autor Nicolau Sevcenko (2001), a indústria do entretenimento está inserida na sociedade desde 1884, quando foi criada a primeira montanha russa e, dez anos depois, o cinema, surgindo um mercado de emoções baratas. Segundo a terceira edição da revista *Vanity Fair*, lançada em 1914, a indústria do entretenimento se define com uma reflexão e alimentação do estado de espírito para sentir prazer, alegria e liberdade.

2. Quando o cotidiano vira espetáculo

2.1 Notícias sensacionalistas: um espetáculo na busca pela audiência

Reportagens factuais negativas são sempre sensacionalistas. Estas têm por objetivo vender uma notícia como se fosse um produto, por isso apelam para os personagens, o

⁵ Depoimento do autor Eugênio Bucci durante aula ministrada na TV Cultura, “Ver de olhos fechados” – A Era do espetáculo.



cenário e o jogo de imagens, fazendo com que a os fatos prendam a atenção do público e, conseqüentemente, intrigando o público a conhecer mais um pouco desta história, esperando por seu desfecho.

O sensacionalismo é contra a missão pedagógica do jornalismo e o caminho mais curto para o preconceito. O sensacionalismo, ao que parece, é a maneira mais rápida de se conseguir audiência, principalmente com a exacerbação da notícia. Fundos musicais tenebrosos, apresentação das notícias aos gritos ou com inflexões dramáticas têm como objetivo a conquista da audiência a qualquer custo, mesmo que a história venha a ser desmentida no futuro (BARBEIRO; LIMA, 2002, 26).

Segundo Barbeiro e Lima (2002, 62) “é preciso cuidado com as reportagens que foram construídas com informações de segunda mão e que não foram devidamente apuradas”. Um exemplo de reportagem de denúncia que acabou por veicular notícias precipitadas foi o caso da Escola Base em São Paulo, onde os jornalistas assistiram a interrogatórios, assediaram autoridades em que o direito dos acusados foram violados e divulgados pela mídia. Outros jornalistas resolveram aprofundar as injustiças cometidas e, no final, descobriram que os acusados na verdade eram inocentes.

Porém, a retificação dos jornalistas pela mídia pode até ser perdoada pelo público e rapidamente esquecida, uma vez que as notícias recebidas por estes são facilmente substituídas por outros fatos. Mas, para os familiares dos envolvidos a notícia exposta de forma errada pode afetar toda uma estrutura familiar.

O jornalismo tenderá a realçar os elementos extraordinários, dramáticos, trágicos, etc., numa estória para reforçar a sua notabilidade; acontecimentos que maior pontuação tenham num número destes valores-notícia terão maior potencial noticioso do que os outros. E acontecimentos com pontuação elevada em todas as dimensões, tais como no assassinato de Kennedy, tornar-se-ão tão noticiáveis que serão interrompidos programas – como nos *flashes* noticiosos na rádio e na televisão – para que estas ocorrências possam ser comunicadas imediatamente (HALL apud TRAQUINA, 1993, 225).

Casos como estes foram relatados pela mídia de forma excessiva, surgindo diversas suítes sobre o acontecido. Na sua maioria, os telejornais primeiro relatam seguindo a ordem da pirâmide invertida e a medida que surgem novos fatos os telejornais fazem uma recapitulação do acontecido, depoimentos dos envolvidos para cobrir as cenas de simulação e mostram o lado pessoal, mais íntimo do dia a dia destes.

2.2 Tragédia e personalidades: uma combinação perfeita para a imprensa

O sensacionalismo está inserido no estilo telejornalístico brasileiro. A palavra sensacionalismo deriva do binômio *sexo-violência* ou do trinômio *escândalo-sexo-*



sangue. Como a própria origem do significado, o sensacionalismo é a busca de acontecimentos marcantes que tenham cenas de sexo, violência e/ou sangue. A complexidade está na distinção de notícias que sejam sensacionalistas ou não, uma vez que atualmente quase todas as reportagens são sensacionalistas. Sabe-se também que o espetáculo é gerado pelo sensacionalismo exposto pela mídia.

O espetáculo no telejornalismo trata-se de uma emoção produzida por um meio de comunicação para o espectador. As notícias sensacionalistas sempre serão notícias que emocionam e que causam impacto no público e, muitas vezes, é feita de forma agressiva, pois o jornalismo sensacionalista extrai do fato o que existe de mais emocionante e apelativo e o enaltece, fabricando, assim, uma nova notícia. Marcondes Filho também define o sensacionalismo como um produto pronto para vender.

O grau mais radical da mercantilização da informação: tudo o que se vende é aparência e, na verdade, vende-se aquilo que a informação interna não irá desenvolver melhor do que a manchete. Esta está carregada de apelos às carências psíquicas das pessoas e explora-as de forma sádica, caluniadora e ridicularizada (MARCONDES FILHO, 1986, 58).

Sangue, sexo, violência e escândalo formam um conjunto de termos que é muito utilizado pelos telejornais brasileiros. Notícias espetaculosas tendem a ser um atrativo para a sociedade. Esta busca no telejornalismo, verdade, seriedade e história para entreter. Verdade nos acontecimentos e nas fontes apuradas não enganando o público. Seriedade por tratar de assuntos relacionados a diversos assuntos com uma postura adequada. E história para entreter como alternativa de diversão após um dia de trabalho.

3. Telejornalismo: informação ou infoentretenimento? Um estudo do caso Isabela Nardoni

3.1 Telejornalismo brasileiro: estilo sensacionalista?

O termo infoentretenimento é denominado por Manuel Castells (2005) com a idéia de que o telejornalismo brasileiro está modificando e não mais apenas com uma função, a de informar, mas agora apresenta características de informar e divertir o público com as notícias espetaculosas.

Outro princípio do telejornalismo brasileiro é a busca pela linguagem coloquial, buscando um maior contato e entendimento com o público e gerando, assim, clareza e entretenimento nas notícias, pois, quanto mais palavras familiares, maior compreensão.



O jornalismo brasileiro é ágil e factual, as notícias são explanadas de forma clara e rápida, apenas com as principais informações. O aprofundamento de algumas notícias só ocorre com acontecimentos que chocam o país como o caso Isabela Nardoni.

Em televisão não se pode ser dissertativo. Um telejornal vale por uma primeira página. Não podemos ser criteriosos nem dar coisas irrelevantes para agradar aqui e ali. Não é sincera essa crítica de que o JN não se profunda. Porque o povo quer meia hora mesmo. Nos EUA, os jornais entram todos às 19h, todos no mesmo tamanho, porque foi mais do que medido o tempo em que se esgota o interesse por novidades. Necessariamente superficial baseado na imagem. Isso é um telejornal que é diferente de um jornal impresso (PADIGLIONE, 1997, 01).

O estilo do jornalismo da emissora televisiva Globo se dá com base na realização diária dos fatos e realizações semanais de temas que estão na mídia. O *Jornal Nacional* apresenta um estilo mais formal se comparado aos demais telejornais brasileiros e manchetedos. Outra marca deste telejornal é a leitura das manchetes de forma intercalada, com frases curtas e simples, que logo em seguida foi copiado por outras emissoras brasileiras. Mas, como explicado anteriormente, quando a notícia repercute em todo território nacional, chamando a atenção da sociedade de forma dramática, os telejornais brasileiros se transformam numa verdadeira telenovela.

O estilo jornalístico da emissora Rede Record hoje se assemelha ao do *Jornal Nacional*. O jornalismo da Record há muito tempo vem em busca de um estilo próprio. Já a revista eletrônica *Fantástico* apresenta um estilo completamente diferente, uma vez que reúne todas as notícias que foram relatadas durante a semana. A revista eletrônica tem um caráter mais documental e de depoimento, mostrando toda a trajetória dos fatos.

3.2 Caso Isabela Nardoni: Uma tragédia que virou espetáculo

A notícia se torna um espetáculo perante a sociedade. O espetáculo não se forma apenas por um conjunto de imagens, mas também pela relação social das pessoas que é transmitida através das imagens. Por esse jogo de imagens e simulacros, Debord (2003) faz uma relação em que o espetáculo transforma o que é real e o produz em material espetaculoso, momento em que a mercadoria torna-se parte da vida social.

Não se pode contrapor abstratamente o espetáculo à atividade social efetiva; este desdobramento está ele próprio desdobrado. O espetáculo que inverte o real é produzido de forma que a realidade vivida acaba materialmente invadida pela contemplação do espetáculo, refazendo em si mesma a ordem



espetacular pela adesão positiva. A realidade objetiva está presente nos dois lados. O alvo é passar para o lado oposto: a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo no real. Esta alienação recíproca é a essência e o sustento da sociedade existente (DEBORD, 2003, 08).

As notícias telejornalísticas tendem a usar deste recurso para tornar suas notícias mais interessantes, prendendo o público através do espetáculo e, como consequência, garantindo exclusividade e, também, índices de audiência. A televisão usa o espetáculo a seu favor e os acontecimentos começam a ter um espaço na televisão, o lugar físico passa ser uma referência remota.

Na época do acontecimento, a televisão procurava um fato como este e o que passava nos telejornais na época não chamava a atenção do público. Entre essa diversidade de acontecimentos políticos como o escândalo do “mensalão”, desastres de avião, o caso Renan Calheiros, os cartões corporativos, o escândalo do dossiê enfim, nenhuma dessas notícias chamou tanta atenção como o assassinato da menina Isabela, que ocupou os telejornais com diversas matérias sobre o caso, reconstituições, depoimentos, a dor das famílias, a opinião do público por durante dois meses inteiros.

A televisão disseminou uma epistemologia na qual toda e qualquer informação, não obstante a fonte é forçada a se transformar em entretenimento [...] o primeiro portal por onde o entretenimento se difundiu foi o jornal (GLABER, 1998, 33).

Pode-se afirmar que existiu uma grande espetacularização em relação à junção das notícias que estava sendo mostradas com imagens chocantes, que geravam interpretações além do que estava sendo falado pelo repórter. As imagens são um forte testemunho da notícia, é através desta que os fatos são reafirmados.

Nos conteúdos dos documentos fotográficos, eles se agregam e se mesclam, informações e interpretações: culturais, técnicas, estéticas, ideológicas e de outras naturezas, que se acham codificadas nas imagens. Essas interpretações e/ou intenções são gestadas (antes, durante e após a produção da representação) em função das finalidades a que se destinam as fotografias, e refletem a mentalidade de seus criadores (KOSSOY, 1999, 87).

A primeira delas é a percepção, a segunda é a da identificação e a terceira fase é a da interpretação da mensagem, portanto, a mais importante. É na terceira fase que as pessoas buscam interpretar a mensagem num exercício pessoal, alicerçado pelo repertório de cada protagonista.

3.3 Entre reportagens e manipulações



Uma reportagem de cada emissora foi escolhida para ser analisada. Da revista eletrônica *Fantástico* foi escolhida a reportagem do dia 20 de abril de 2008 com duração de 8’29” que apresenta uma reprodução do local do crime com base nos relatos.

Na reportagem exibida através da revista eletrônica *Fantástico* no dia 20 de abril de 2008 com duração de 08’29”, mostra uma reportagem exclusiva com uma música de fundo sombria durante toda a narração dos fatos (disponível no endereço <<http://www.youtube.com/watch?v=xkoBICjLX6w&feature=related>>). Toda a matéria, mais uma vez é feita com base nas afirmações da polícia. Na matéria, foram utilizadas fontes seguras, como o relato dos peritos, imagens do edifício onde ocorreu o crime, fotos da menina Isabela e, também, uma réplica virtual de acordo com o projeto do edifício London, mostrando o quarto onde Isabela foi jogada.

No meio da matéria o repórter Rodrigo Bocardi faz uma afirmação: “segundo a polícia, essas provas técnicas levam a seguinte conclusão, o pai jogou a menina pelo buraco feito na rede e a queda foi determinante para a morte de Isabela.” Fica evidente que a afirmação só foi feita através do que as fontes afirmaram, o *Jornal Nacional* utilizou os recursos visuais de alta qualidade para relatar o caso e a música foi de fundamental importância para dar um “ar” de filme *noir*, estilo de filme policial derivado de romances com suspense, ou seja, “feito sob medida” para o espectador se divertir.

No *Jornal da Record* a matéria do mês de abril, que tem duração de 03’57”, é extremamente apelativa (disponível no endereço <http://www.youtube.com/watch?v=qch_wQ1IGew&feature=related>). A “cabeça” da matéria começa com a seguinte frase do repórter Celso Freitas. “A morte de Isabela causa tanto espanto porque expõe o lado sombrio do ser humano. Crueldade com uma criança, um ser indefeso.”

Formato de matéria que de cunho testemunhal, que utiliza a via de comentário citada por Niceto Blásquez, que a opinião do jornalista (apresentador, comentarista, articulista) fica exposta sobre o fato, neste caso, a indignação. Fica evidente que toda a imprensa ficou indignada, assim como o público, mas, de acordo com o Código de Ética dos Jornalistas brasileiros, citado por Leandro Fortes (2007, 98), exposto no Artigo 7, em que “o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu



trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação”. E esta correta divulgação é baseada na objetividade, clareza e imparcialidade.

No decorrer da matéria aparecem diversos depoimentos do público que induzem a matéria a ter características emotivas. Esses depoimentos do público são expressos de forma agressiva e insistente no direcionamento da matéria. Nota-se também a quantidade de adjetivos presentes no decorrer da reportagem.

No meio da matéria o *off* (texto na matéria apenas com a voz do repórter) é coberto por fotografias alegres da menina Isabela Nardoni e sua mãe Ana Carolina de Oliveira. Percebe-se que não aparece nenhuma foto da menina Isabela com o pai ou a madrasta ou seus irmãos paternos, Cauê e Pietro. Fazendo com que a população tome verdadeiro “ódio” pelo casal e acreditando ainda mais que eles são os culpados do crime. O relatório já tinha sido feito e a prisão preventiva decretada, mas o julgamento que daria o veredicto final, ainda não.

O texto que é “coberto” por imagens da menina Isabela é narrado pela repórter Adriana Araújo “uma menina, cinco anos, olhar expressivo, sorriso fácil, ficamos todos assombrados, Isabela entrou na vida de cada um de nós”. As fotos de Isabela com seu pai só aparece quando a repórter menciona o assunto relacionado a laços familiares quebrados, então, fotos de Isabela com seus pais (Alexandre Nardoni e Ana Carolina de Oliveira) ilustram o texto “o pai e a madrasta sob suspeita, o amor mais forte que existe entre pais e filhos, quebrado”.

Uma multidão movida pela curiosidade, claro que sim, e mais do que isso, nas ruas vi tristeza, tensão, perplexidade [...] sentimentos que levaram a precipitações a cada aparição de Alexandre Nardoni e Ana Carolina Jatobá [...] Nada trará Isabela de volta, ela nos trouxe uma verdade esquecida, a vida não é, não pode ser descartada, ao chorar por Isabela, choramos também por nós (ARAÚJO, 2008)⁶.

Ao final da reportagem, a repórter e âncora Adriana Araújo faz uma “passagem” (quando o repórter aparece na matéria) para dar mais credibilidade à matéria. Esta mostra curiosidade e os sentimentos do público em relação ao caso. E a repórter encerra a matéria com este texto citado acima e fazendo um *link* da sua fala com a imagem de uma senhora comovida com toda a história. A matéria é explicitamente de cunho testemunhal, onde o repórter envolve-se com a história e fica claro na linguagem utilizada pela repórter.

⁶ Trecho destacado da reportagem do *Jornal da Record* no mês de abril de 2008.



O *Jornal da Record* utilizou imagens do prédio onde ocorreu o crime, também utilizou reconstituições do crime por meio de desenhos e imagens do casal na delegacia. Ambos os telejornais utilizaram o relato da polícia como forma de comprovar os fatos e, também, imagens do casal, e como não poderia faltar, imagens da menina Isabela sempre sorrindo.

Considerações Finais

Vale ressaltar que toda essa necessidade construída no imaginário do espectador não existiria se não fosse o papel do telejornalismo em informar e causar entretenimento ao mesmo tempo de acordo com suas manipulações necessárias. Sabe-se que com essa omissão de partes envolvidas no crime, restou ao telejornalismo brasileiro dramatizar e dar a sua interpretação para que a sociedade absorvesse e foi o que ocorreu. E, mostrando assim, como a mídia manipula a sociedade para escolher o herói e o vilão da história, ocorrendo o mesmo com os *reality shows*, onde através das imagens que são fornecidas pela mídia, o telespectador escolhe o seu personagem “bonzinho” e o “malvado” no jogo.

Os textos são escritos de forma clara e direta assim como o exigido por todo meio de comunicação, porém, percebe-se que o *Jornal Nacional* e a revista eletrônica *Fantástico* utilizam os efeitos e a estética para direcionar a interpretação do leitor como o uso de músicas de fundo de cunho de terror e medo, imagens sempre alegres da vítima e imagens dos acusados sempre sérias ou junto à polícia. Em relação à emissora Record, o *Jornal da Record*, ficou constatado que o apresentadores utilizam a sua fala para dar um direcionamento e, assim como a emissora Rede Globo também utiliza-se de imagens alegre da vítima e séria dos acusados. Então, fica evidente que as notícias dos telejornais analisados buscam fazer uma produção mais sensacionalista. Escrever sobre algo que interesse ao público e que tenha emoção.

Também ficou evidente que nos telejornais analisados a exaustão de termos como “sangue”, “ciúme”, “morte” e “indícios”, dando às notícias um clima de suspense, medo e drama. Os telejornais analisados vendem emoções, uma vez que a abordagem e a forma de exibição são alteradas para que o público absorva esta emoção ainda mais e de forma pré-indutiva. Outra forma de tornar as notícias espetaculosas foram os usos excessivos de adjetivos que puderam ser notados nos telejornais analisados. O uso da



primeira pessoa do plural percebida no *Jornal da Record* foi de fundamental importância para demonstrar a parcialidade presente no telejornalismo da Record. Evidências como estas deixam mais claro a espetacularização no jornalismo e, muitas vezes, estão ligadas ao valor-notícia: morte, que também faz relação com o trinômio escândalo-sexo-sangue, como explicado anteriormente.

Por fim, a notícia espetaculosa não corrobora com a sociedade como uma versão “verdadeira da notícia”, ela apenas tem a função de informar de forma mais leve para o público, como um meio de entretenimento de emoções baratas. E, com base nas análises feitas pôde-se afirmar que os telejornais utilizam a notícia como uma forma de entretenimento, através de reportagens espetaculosas para atrair assim o público de forma emotiva e dramática.

Em relação ao desfecho deste caso, o casal Alexandre Nardoni e Ana Carolina Jatobá foi levado júri popular. No dia 22 de março de 2010 ocorreu o primeiro julgamento do casal, e, após cinco dias de julgamento, diversas testemunhas e muitas reportagens tanto da emissora Globo quanto da emissora Record narrando ao vivo tudo o que estava acontecendo no tribunal, os réus foram condenados por homicídio triplamente qualificado (asfixia da menina Isabela, esta, não teve a chance de defesa, por estar inconsciente quando jogada pela janela e por fim, por alterar a cena do crime). O casal também foi condenado por fraude processual. Ana Carolina Jatobá foi condenada a 26 anos e 8 meses e Alexandre Nardoni a 31 anos, 1 mês e 10 dias pelo agravante de ser pai da menina Isabela.

Foi evidenciado que os telejornais utilizam a notícia como espetáculo para atrair o público de forma dramática, cativando-os e prendendo a atenção dos mesmos como uma verdadeira novela.

A *novelização* de um acontecimento só faz com que os valores morais e sociais de uma sociedade sejam reforçados. E o assunto espetaculoso acaba por lidar com a estereotipização e espetacularização do ser humano, transformando-se em uma verdadeira indústria do entretenimento. Essa indústria do entretenimento tem como consequência fazer com que o público tenha curiosidade pela vida alheia – leia-se *voyerismo* e, por fim, depois de muita diversão e espetacularização das notícias, notarem que no final as emoções positivas sempre estão à frente das negativas, ou seja,



que o Bem sempre vence o Mal, e sempre será assim, seja em telenovelas, telejornais ou no espetáculo da vida humana.

Referências

- BLÁSQUEZ, Niceto. **Ética e meios de comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1999.
- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual do Telejornalismo**: os segredos da notícia na TV. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.
- BORDENAVE, J. E. **Além dos meios e das mensagens**. Introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência. 10: ed.. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 8 ed. Tradução Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2005. Título original: The rise of the network society.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995. Título original: The Society of the Spectacle.
- DEBORD, Guy, **Sociedade do espetáculo**. Disponível em:
<<http://www.ebooksbrasil.com>>. Acesso em: 20 out. 2009, 31 out. 2009 e 17 nov. 2009.
- GABLER, Neal. **Vida, o filme**: Como o entretenimento conquistou a realidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o “mugging” dos media. In: TRAQUINA, Nelson (Org). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1993.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Cotia Atêlie Editorial, 1999.
- LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 2006.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**. São Paulo: Ática, 1986.
- PADIGLIONE, Cristina. **BBB10 já esgotou cota de patrocínios**. Disponível em:
<<http://www.blog.estadao.com.br>>. Acesso em 08 nov. 2009.
- SEVCENKO, Nicholau. **A corrida para o século XXI**: no loop da montanha russa. São Paulo: Schwarcz, 2001.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo Volume II**: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.
- XIMENES, Sérgio. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: FTD, 2002.